

# A relação teoria-prática no ensino de história e geografia entre os professores do 1º grau

Antonio Carlos Pinheiro<sup>1</sup>

## Apresentação

O presente texto expressa as reflexões do autor sobre as atividades da área de Estudos Sociais, dentro do Projeto *Universidade e Universo Escolar: Via de Mão Dupla*, realizado em Campinas-SP, no segundo semestre de 1996, pelo Núcleo de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Participaram do projeto 120 professores, de 1ª à 4ª séries, da Rede Estadual e Municipal de Ensino de Campinas. O trabalho contou com assessoria de diversas Unidades da Universidade, professores convidados e estagiários dos cursos de graduação. A área de Estudos Sociais foi assessorada pelo Professor Antonio Carlos Pinheiro, do Instituto de Ciências Humanas e teve a participação da Professora Silvia Regina Mascarin, a qual ministrou as Oficinas e da Estagiária Sônia Maria Blelia, do 4º ano de História.

Este projeto é um Programa de Capacitação Continuada de professores de 1º grau, que busca desenvolver com base nas necessidades das escolas onde os mesmos atuam, também analisando os pressupostos das Propostas Curriculares da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para o ensino de 1º grau, articulando teoria e prática didático-pedagógica, através das oficinas, jornadas e atividades culturais, envolvendo professores das escolas, estagiários, capacitadores e equipe de assessoria para a participação nas atividades programadas de pesquisa-ação.

Este artigo não pretende esgotar-se nestas reflexões. O que se apresenta aqui são algumas questões reveladas pelo presente Projeto. Acredita-se que estes apontamentos sejam importantes, pois mostram para todos os participantes questionamentos referentes à Escola de

1º grau e Universidade. Também o Projeto possibilitou uma maior aproximação entre estes níveis, desmistificando, em ambos os lados, visões que ainda perduram na realidade.

O texto, aqui descrito, resultou da análise de vários dados quantitativos/qualitativos, obtidos por meio das avaliações dos professores participantes do Projeto, discussões nas Oficinas, reflexões dos estagiários e encontro com os alunos da graduação. Busca-se, neste trabalho, um exame qualitativo dos dados.

De forma geral, percebeu-se que a problemática da dicotomia teoria e prática não é um atributo apenas da Escola de 1º grau, mas também da Universidade. Entre outros fatores, tal dicotomia resulta de um método que encobre esta relação, tentando perpetuar-se no cotidiano. Especificamente, na Escola de 1º grau, este método permanece pela pouca reflexão realizada pelos professores, quase sempre resultante da falta de tempo e apoio institucional, além da formação deficitária deste profissional.

Em relação à área de Estudos Sociais, observou-se a pouca inserção da História e Geografia nas séries iniciais do 1º grau. A falta de propostas de trabalho para estas séries e o pouco conhecimento específico destas disciplinas pelos professores, dificultam um trabalho sistemático e contínuo, no processo de alfabetização e construção do conhecimento com e pelo aluno.

A prática dos Estágios foi lembrada pelos professores. Foi considerada desarticulada da realidade das escolas. Os professores e os estagiários têm-se relacionado de forma distante, o que representa pouco avanço para a atualização dos primeiros e formação dos segundos.

1. Professor dos Departamentos de Geografia e Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Mestre em Metodologia do Ensino Superior - Faculdade de Educação - PUC-Campinas.

## A Relação Teoria-Prática

Entre as diversas questões explicitadas pelos professores, destaca-se a questão da relação teoria-prática.

Existe, entre os professores, um discurso que expressa um senso comum muito homogêneo e este se refere quase sempre à distância entre teoria e prática. Esta idéia está difundida também entre os alunos da Universidade. É habitual a declaração: "*a teoria pode ser boa, mas, na prática, nunca funciona*". Em conformidade com a realidade, muitas pessoas têm dificuldades em articular a *idéia do saber com o fazer* e identificar e/ou construir a teoria subjacente. Nos debates conjuntos com os professores de Geografia e História, notou-se que a maioria defende uma abordagem dinâmica dos conteúdos. Concordam com a premissa de que se deve considerar a realidade, os conhecimentos e experiências prévias dos alunos, as influências dos meios de comunicação e informação no planejamento curricular. Entretanto, percebeu-se, no decorrer das discussões, que — *a forma como estes conteúdos são trabalhados reflete um modo tradicional, ou seja, uma prática calcada na fragmentação, descrição e memorização dos conteúdos*. Além disso, observou-se que, ao estudar um tema, o professor normalmente adota modelos consagrados no momento, sem uma reflexão apurada, absorvendo superficialmente as técnicas em detrimento da compreensão dos referenciais teóricos. Desta forma, faltam condições para o entendimento e conseqüente sistematização de sua prática cotidiana. Diversos professores do 1º grau organizam trabalhos, valorizando a realidade do aluno como ponto de partida, mas acabam no dia-a-dia da sala de aula, reproduzindo o modelo padronizado. Exemplo disto é a organização dos conteúdos da Área de Estudos Sociais nas séries iniciais do 1º grau utilizadas em muitas unidades escolares, como: escola — comunidade — município — estado — país — mundo. Esta disposição apresenta uma ordem hierárquica, reproduzindo uma visão unilateral do processo de relação entre o próximo e o distante, esta visão progressiva e evolucionista quase sempre deixa de explorar as inúmeras inter-relações. Isto também ocorre com outras noções como: perto-longe, em cima-embaixo,

simultaneidade, distância, movimento, perspectiva, entre outras.

Quais os problemas que justificam a marcante visão, entre os professores, da dicotomia entre teoria e prática? Até que ponto a produção acadêmica corresponde às necessidades da escola de 1º grau? Será que o problema reside na formação do professor, que não tem possibilitado condições para a compreensão das teorias e a produção da prática? Esta questão representa apenas um discurso ideológico, que serve para mascarar uma perspectiva teórica? Ou são as tendências teórico-metodológicas desenvolvidas em nossas Universidades que não têm aproximado estas dimensões?

A dicotomia existente entre teoria e prática na escola e universo dos professores é concreta. O fato de os professores do 1º grau pedirem sugestões de atividades para o cotidiano da sala de aula explica-se pelo seguinte motivo: *os professores, todo dia, exercem a prática, todo dia, durante todo o ano, necessitam desenvolver atividades na sala de aula com os seus alunos*.

A realidade das turmas nas escolas públicas configura-se por salas numerosas, com 40, 50 ou mais alunos, estes são, na maioria, crianças e adolescentes que vivem uma situação de exclusão diante da sociedade atual; a escola para eles significa um dos poucos lugares de socialização, lazer e possibilidade, como acreditam, de ascender a uma vida melhor. Na atualidade, estes alunos são influenciados por propagandas e estilos de vida que não podem praticar. Esta situação provoca uma ansiedade que a escola não consegue resolver. O professor, nesta situação, para mantê-los ocupados, necessita desenvolver atividades todos os dias, em todas as disciplinas. Se não o fizer, certamente os alunos o farão de seu modo, o que pode gerar indisciplina. Infelizmente, apesar da criatividade e energia de que dispõem, as ações dos alunos, de maneira desorganizada, podem causar sérios problemas no cotidiano da escola, sobretudo na situação atual, ou seja, estabelecimentos de ensino com infra-estrutura e segurança precárias.

A situação acima agrava-se quando se analisa a fundamentação teórica destes professores e sua formação. Tanto os cursos de Magistério, como os de nível Universitário, têm sido

insuficientes para que o professor formule atividades para seu dia-a-dia e produza teorias/conhecimentos. Este fato deve ser motivo de reflexão entre os profissionais que atuam nestes Cursos de Formação. Se a teoria e prática são indissociáveis, ambas partindo de um mesmo processo, interligadas, é necessário explicitar a teoria praticada e refletir sobre a prática. Entendemos que uma constrói a outra. Entrementes, crê-se que a prática é privilegiada, pois é referencial fundamental na constituição dos campos teóricos que explicam a realidade. O pensamento dialético nos ensina que a prática deve demonstrar a verdade. Voltando-se para os professores, afirma-se que existe no processo da aprendizagem uma distância entre conteúdo e forma. Melhor, existem práticas resultantes de um conjunto de influências que nem sempre condizem com a realidade. O que os professores chamam de teoria, muitas vezes, compõe-se de discursos ideológicos fundamentados em princípios filosóficos que eles não conhecem. A confusão reside nestes aspectos, ou seja, prática e teoria são confundidos com prática e discurso.

A prática contém uma teoria subjacente. É preciso compreendê-la, buscar a essência de sua existência. Também, à medida em que as influências ideológicas não são explicitadas, assimilar uma teoria ou desenvolver um conteúdo exige do professor uma mudança de postura no tratamento destes conhecimentos. É necessário partir da prática, construir uma reflexão que envolva a realidade e os referenciais teóricos existentes. Deve-se confrontar estas dimensões, estabelecendo uma análise que evidencie as contradições, podendo chegar à superação destes problemas.

Na perspectiva aqui exposta, a Dialética, o conhecimento da realidade compreende duas qualidades distintas da práxis humana. Primordialmente, entendemos que o homem atua objetiva e praticamente sobre a realidade, podendo, então, examinar, refletir e compreender teoricamente o processo de construção/aquisi-

ção do conhecimento. A realidade, na visão de Kosik (1976),<sup>2</sup> apresenta-se como o campo em que se exercita sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática. O processo de compreensão revela contradições e conflitos, o que nem sempre se apresenta em sua aparência concretamente. Entretanto entende-se que esta complexidade compõe-se de um conjunto de fatores e estes, ao interrelacionarem-se, compreendem uma totalidade. Exemplificando: ao trabalhar com o tema Município nas séries iniciais, o professor, na atualidade, deve considerá-lo em todas suas inter-relações. Nas reflexões desenvolvidas por Carlos (1993), o lugar é, hoje, um ponto de articulação entre a mundialidade em construção e o local enquanto especificidade concreta e afirma que “...o lugar aparece como fragmento do espaço onde se pode apreender o mundo moderno” (CARLOS, 1993:303). Diante desta consideração, ao estudar o Município de Campinas com as crianças, deve-se entender que o desenvolvimento técnico-científico e ampliação dos mercados do capitalismo mundial aprimoraram as comunicações, transportes e informações. Os alunos, no local-cotidiano, convivem com uma multiplicidade de influências, materiais, produtos, mercadorias, provenientes de diversos lugares do mundo.

Diante da situação acima apresentada, é importante que o professor tenha consciência da dinâmica atual podendo, juntamente com os alunos, estabelecer relações entre os diversos fenômenos históricos e geográficos que explicam a realidade em suas interações.

### A formação do professor

O espaço-tempo escolar, com as mudanças recentes ocorridas na educação e sociedade, tem-se modificado gradualmente. As novidades que acontecem ampliaram a discussão sobre o ensino para um número cada vez maior de pessoas. A formulação de Propostas Curriculares de Ensino por algumas Secretarias Estaduais de Educação e a busca de outros métodos

2. Kosik afirma que “...a atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade... ..é de um indivíduo histórico que exerce sua atividade prática no trato com a natureza e outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais.”

(Kosik. Karel, *A Dialética do Concreto*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. P. 9-10).

de trabalho e avaliação provocaram um avanço significativo nas vidas dos professores.

Embora o salário ainda continue insuficiente para uma existência digna do professor, este profissional, em sua maioria, demonstra um desejo de aprimorar o trabalho. Por outro lado, estas mudanças, segundo Nóvoa (1995), têm acarretado forte tensão entre eles. As constantes reformas nos currículos, o aumento de reuniões e discussões, assim como a intensificação do trabalho cotidiano, através de um conjunto cada vez maior de funções, acabam desenvolvendo neste trabalhador uma ansiedade em acompanhar este processo. À medida que, na realidade, as condições de trabalho na escola pouco mudaram, este profissional vive uma acumulação de atividades intra e extraclasses.

A formação continuada pode solucionar estes problemas; entretanto é fundamental que esteja de acordo com as necessidades do professor e escola. A organização de cursos, apenas com bases em conteúdos específicos, sem articulação com uma metodologia e realidade escolar em que exerce seu trabalho, pode gerar mais ansiedades. Entende-se que a garantia de ações concretas na escola esteja no próprio professor, pois vivencia o dia-a-dia do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, o programa de formação continuada deve pautar-se pelo respeito e apostar na autonomia intelectual que todos possam assumir.

A escola de 1º grau, enquanto lugar de trabalho, é também uma formadora de professores. Apesar de saber que este processo é contínuo, não se reduzindo aos 4 anos de Magistério e Licenciatura, é fundamental que estes cursos sejam capazes de construir uma base sólida para que o profissional possa desenvolver-se com competência. Eliminar os cursos de Formação de Professores não é a solução como apregoa o Ministério da Educação na atualidade. Se estes cursos têm apresentado problemas, é porque têm refletido toda uma visão que ainda impera em grande parte das Universidades brasileiras. A valorização da técnica em detrimento da formação integral e filosófica, entre outros fatores, justifica este problema. Contudo esta prática não se reduz à educação, mas subjaz a toda Ciência. Também relaciona-se a uma

política educacional excludente, voltada para interesses de mercado e produção industrial.

Na atualidade, os ambientes de trabalho têm servido de lugar de formação de profissionais. Muitas vezes, ao ingressar em uma empresa, o trabalhador recebe uma nova formação conforme os modelos instituídos por ela. Este fato tem ocorrido em todos os setores da sociedade. As empresas de vários setores da economia têm um estilo que, muitas vezes, não corresponde à prática ou com a teoria desenvolvida nos cursos realizados. A formação fornecida por estas empresas ocorre conforme a visão da mesma. Na escola, a formação nos Cursos de Licenciatura e Magistério, em grande parte, não corresponde à realidade da maioria dos alunos; desta forma, os professores acabam apegando-se ao cotidiano viciado da escola.

A prática real de vários professores, há anos convivendo com as adversidades relativas aos baixos salários, condições de trabalho insatisfatórias e constantes mudanças na sociedade, pouco satisfaz as necessidades concretas dos alunos. Esta prática resulta de uma aprendizagem ocorrida, muitas vezes, a partir de uma visão conservadora de educação e sociedade, aprimorada e reforçada na dureza do dia-a-dia.

Estas práticas estão o tempo todo em conflito. Junta-se a isso o saudosismo, ou seja, o apego aos modelos tradicionais, que resistem à assimilação de novas alternativas pedagógicas para o trabalho escolar e as rápidas transformações tecnológicas existentes exigidas pela realidade atual. O resultado quase sempre é o retorno às velhas práticas.

As dificuldades em rever as práticas realizadas pelos professores veteranos e a insegurança dos novos para construir novas propostas acabam conduzindo a ações baseadas em antigas práticas arraigadas nas escolas. O fato apresentado, ao mesmo tempo em que é motivo de críticas e questionamentos, funciona como alternativa *segura* para os novos professores. Estes procedimentos passam a ser um modelo seguido por eles que, somado a outros fatores, garantem a preservação de um ensino enfadonho. Também é importante lembrar que a burocracia, ainda existente nas escolas — *representada pelo preenchimento exagerado de diários, boletins e planilhas, com espaços definidos* — contribui para

a formatação deste profissional, dificultando seu crescimento intelectual.

Se a Universidade forma um profissional, que, depois, é todo moldado na realidade, que está sendo significativo nesta formação? Que aspectos integram esta formação, que pouco garante a este profissional atuar de maneira criativa e autônoma na escola? Será que isto ocorre na escola, porque a Universidade favorece esta assimilação pelo professor?

Considera-se que a formação deve ser integral, no sentido da possibilidade de fornecer condições para que o professor possa compreender e desenvolver atividades, a partir de sua realidade. A autonomia técnico-política e intelectual são alternativas para que realize seu trabalho na escola, considerando-a em suas inter-relações com o mundo. Entretanto, acredita-se que estes procedimentos devam existir também no cotidiano da Universidade. O futuro professor, assim como seu Mestre, deve experienciar as possibilidades de trabalho na sala de aula e processo de sua formação.

A prática dos estágios é um meio de inter-relação entre o professor do 1º grau e conhecimentos produzidos na Universidade. Por meio do estágio, os alunos da graduação podem aproximar-se da realidade, facilitando suas reflexões sobre ela. No entanto é importante que este trabalho aconteça de forma organizada. Os estagiários devem apresentar um projeto de estágio, orientado por seus professores. A antiga prática desta atividade, baseada apenas em observação, resultando em preenchimento de fichas pré-estabelecidas, restringe a reflexão dos alunos e intimida o professor, que passa a ser analisado apenas no contexto da sala de aula e não em sua totalidade. Este fato estende-se, também, ao Curso de Magistério.

As posturas existentes entre os professores e alunos universitários revelam, muitas vezes, um avanço nas discussões teóricas em relação aos temas da atualidade. Os professores de 1º grau almejam estas informações, desejam acompanhar estas discussões. Acreditam que a Universidade produz um conhecimento *verdadeiro*, capaz de resolver seus problemas cotidianos, mas nem sempre este conhecimento, produzido pela Academia, chega até a sala de aula do ensino fundamental.

É comum a idéia de que a Universidade seja palco de discussões teóricas. Evidentemente, elas existem, mas percebe-se que os procedimentos dos professores universitários são múltiplos; convivem aulas expositivas baseadas em textos ultrapassados com discussões e experiências inovadoras. Este fato reflete, também, que os professores universitários devem capacitar-se, pois aparentam estar atualizados, no entanto, muitas vezes, por desenvolverem uma disciplina específica, resultante de seus vários anos de trabalho, parece que os mesmos entendem, profundamente, a Disciplina que ministram e a Área do Conhecimento que atuam, o que pode ser um engano.

A especialização, impregnada na Ciência moderna, acaba mistificando a realidade do conhecimento e profissionais que a exercem. O fato de um professor trabalhar com uma disciplina específica não garante que conheça profundamente o assunto e este esteja acompanhando o que se tem produzido e descoberto sobre esta área. Se a realidade é dinâmica e as mudanças existem em uma totalidade, é importante que os professores, em todos os níveis do ensino, entendam que o conhecimento e as formas de abordagens sobre ele modificam-se constantemente. É preciso acompanhar este processo contínuo, conjuntamente.

A responsabilidade pela formação do cidadão é, em princípio, de toda a sociedade. Neste processo, a escola deve privilegiar a produção/ construção/sistematização do conhecimento, possibilitando e facilitando a compreensão da realidade.

### **A precária inserção da História e Geografia (Estudos Sociais) no ensino de 1ª à 4ª séries**

A Geografia e a História, enquanto áreas do conhecimento, apresentam uma contribuição fundamental no processo de alfabetização do aluno. As noções e conceitos desenvolvidos através destas disciplinas são básicas para a concepção do tempo-espaço da sociedade.

Na atualidade, vivemos em um mundo de constantes transformações. Estas mudanças, com o advento do desenvolvimento tecno-

lógico, ganham a cada dia uma velocidade singular. A todo momento, as pessoas recebem, em suas casas, informações e imagens difundidas pelos meios de comunicação de todos os lugares do planeta, muitas vezes, com intervalo de tempo ínfimo em relação a seu acontecimento (PINHEIRO e MASCARIN, 1996). Esta realidade exige um profissional que tenha o conhecimento básico para organizar suas aulas, considerando esta dinâmica.

Diante dos vários problemas existentes, inicialmente, destaca-se a formação profissional do professor no Curso de Magistério, com habilitação para atuar da 1ª à 4ª séries. Tradicionalmente, estes cursos não têm uma preocupação relevante com a preparação dos futuros professores, no que se refere à metodologia e conteúdos de Estudos Sociais. Isto tem ocorrido por vários fatores, dentre os quais salientamos o fato de, na maioria das vezes, o profissional que ministra essas aulas não tenha formação específica em História ou Geografia; é, geralmente, o pedagogo.

Este fato agrava-se quando notamos que, na composição das grades curriculares, de grande parte das Faculdades de Educação, as disciplinas ligadas às Metodologias não contemplam temáticas atualizadas em Estudos Sociais, além da carga horária que não possibilita o aprofundamento mínimo necessário à formação do profissional polivalente.

Observa-se, também, que, no âmbito da Academia, nos Departamentos ligados às Ciências Humanas e Sociais, pouco se tem discutido e produzido sobre o ensino de Estudos Sociais nas séries iniciais do 1º grau.

Embora esta tendência seja sentida no geral encontramos, em algumas Universidades, professores pesquisadores preocupados com esta questão e que têm produzido excelentes trabalhos, mas ainda o volume desta produção é insuficiente para atender as demandas da escola de 1º grau. Outro problema ligado a esta situação é a distância entre a produção do conhecimento realizada por estes profissionais e o professor de 1º grau, que está na sala de aula. O que ocorre, na realidade, é a quase ausência de conexão entre os dois.

Muito provavelmente, como foi analisado anteriormente, este precário elo passa a ser um dos motivos que levam o professor polivalente a reproduzir, no cotidiano de suas aulas, o

conhecimento assimilado ao longo de sua formação educacional, sem a devida atualização. A ausência da formação continuada resulta de um conjunto de fatores. Enquanto ainda estudante, o atual professor polivalente, muito provavelmente, teve poucas oportunidades de participar/freqüentar/vivenciar eventos extraclasse, quais sejam: congressos, palestras, seminários, encontros, importantes ao crescimento intelecto-profissional. Este fato resultou numa falta de hábito do professor pela busca, por si mesmo, de novos conhecimentos que, certamente, enriqueceriam sua prática cotidiana.

Considerando que o indivíduo é resultante das interações do meio sócio-histórico e constroe-se no coletivo, é necessário que o professor tome consciência de si e relações que o cercam, pensando o conteúdo da Geografia e História, como parte de sua vida. Assim, entender o tempo e o espaço na atualidade implica olhar o mundo em sua complexidade e totalidade, identificando as reais condições de existência dos indivíduos no contexto da sociedade atual (PINHEIRO e MASCARIN, 1996).

## Referências Bibliográficas

- CARLOS, Ana Fani A. *O lugar: modernização e fragmentação*. in *Fim de Século e Globalização* (Milton Santos, org), São Paulo: HUCITEC/ANPUH, 1993.
- KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- NÓVOA, António (org). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Ed, 1995.
- PINHEIRO, Antonio Carlos e MASCARIN, Silvia Regina, *Problemas Sociais da Escola e a contribuição do Ensino de Geografia*. in *Revista Terra Livre nº 11-12*, São Paulo: Ass. dos Geógrafos Brasileiros, 1996.
- PROJETO: *Universidade e Universo escolar: Via de Mão Dupla*. Campinas: Núcleo de Educação, PUCAMP, 1996.
- Proposta Curricular para o Ensino de História - 1º grau, São Paulo: CENP/Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1991.
- Proposta Curricular para o Ensino de Geografia - 1º grau, São Paulo: CENP/Secretaria Educação do Estado de São Paulo, 1991.